



ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR – SOCULTURAS
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Credenciado pela portaria do Ministério da Educação nº429 publicado no D.O.U nº84 em 06 de maio de 2009

ISSN – 2317-2487

Θ ϕ

REVISTA

TEÓFILO

DEUS CRIADOR NA TEOLOGIA DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

Gloria Josefina Viero¹

RESUMO

O paradigma moderno requer nova compreensão da relação de Deus com o mundo. Queiruga repensa essa relação a partir da ideia de criação por amor. A identidade e a diferença entre Criador e criatura apontam uma nova imagem divina: Deus não está distante do mundo, nem intervém de fora, anulando o ser humano. Está radicalmente unido à criatura para afirmá-la até a plenitude. Jesus manifestou um Criador gratuito, que se relaciona conosco como Pai/Mãe de ternura infinita e perdão incondicional. A fé, então, consiste numa experiência que integra e promove todas as dimensões da vida num caminho de autêntica humanização.

Palavras-chave: Criador, amor, Pai/Mãe, Jesus.

ABSTRACT

The paradigm of modernity, centered in the autonomy of the realities created, requires a new comprehension of the relation between God and the world. Queiruga, is rethinking the relation above, studying the idea of creation for love. The identity and the difference between Creator and creature show a new divine image: God is not far away from the world, nor interferes nullifying the human being. He is radically united to the creature in order to confirm him until he reaches perfection. Jesus Christ is a creator that hasn't charged anything from his creation nor creatures. He deals with us as a Father of unlimited tenderness and unconditional forgiveness. Faith consists of an experience that integrates and promotes all the dimensions of life in a way of authentic humanization.

Keywords: Creator, love, Father / Mother, Jesus.

¹ Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: gloriaviero@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O tema da imagem de Deus e de nossa incapacidade humana de “falar bem de Deus” é o núcleo em torno do qual se desenvolve a obra de Queiruga. Interessa-nos aqui apresentar apenas alguns aspectos de suas reflexões acerca do desafio da teologia atual em repensar o modo como entendemos e vivenciamos a relação de Deus com o mundo, tendo presente as consequências práticas: do modo como concebemos e proclamamos a relação de Deus com o mundo vai depender em grande parte a atitude que tomamos diante dos grandes problemas da humanidade e o sentido que *os outros* atribuem a nosso esforço de colaboração.

A concepção cristã de Deus foi forjada no mundo antigo e medieval, num horizonte cultural radicalmente diferente do mundo atual. A transcendência de Deus era imaginada como uma realidade que ficava no alto, no céu, o que não era problema visto que o mundo era considerado totalmente permeável aos influxos “sobrenaturais”: acreditava-se que os astros eram movidos por anjos e as enfermidades eram - ou podiam ser - causadas pelos demônios, como acontecia, por exemplo, no tempo de Jesus. Na nova consciência de autonomia das realidades criadas, ou seja, na visão de um mundo regido por leis próprias, essa permeabilidade resulta impossível.²

O ser humano percebe que o mundo natural funciona sem interferência de forças do além, e a sociedade é construção humana. Toma-se consciência de que os acontecimentos históricos são provocados por fatores bem concretos e que os poderes estabelecidos não emanam de Deus, mas são constituídos por homens e mulheres. Ao se falar em fenômenos acontecidos no mundo, impôs-se a evidência de que uma explicação desde o transcendente tornou-se supérflua e ilegítima; Deus se tornou uma “hipótese desnecessária” para a explicação do mundo. (Laplace)³. Urge, então, compreender de outro modo a ação de Deus no mundo.

Na prática, os diversos setores da realidade foram se emancipando da tutela da religião para se definirem por si mesmos. Esse processo alcança o interior do próprio ser humano: homens e mulheres traçam seus objetivos e suas normas com base em convicções íntimas; o sentido da moral vem deles mesmos e não de uma autoridade externa.

Essa mudança radical na circunstância histórica provocou uma profunda crise no cristianismo. De um lado, foi se tornando impossível manter a antiga concepção de Deus e de sua ação no mundo. De outro, a reação deísta - que radicaliza a visão dualista já presente no

² QUEIRUGA, A. T. *Um Deus para hoje*. São Paulo: Paulus, 1998a. p. 17.

³ *Ibidem*, p.13-14.

cristianismo - de “um Deus arquiteto ou relojoeiro”, que deixa o mundo andar por si mesmo, não podia ser aceita pela fé cristã enraizada na experiência de um Deus intimamente presente no mundo e atuante na história.⁴

Entre as duas posições realizou-se uma mediação. A consciência geral foi criando uma *solução de compromisso*, uma espécie de “deísmo intervencionista”. Ocorre uma osmose cultural: aceita-se a consistência do mundo, porém, de modo mais ou menos confuso, se mantém a crença em intervenções concretas. Para Queiruga, uma solução mais autêntica só é possível a partir da ideia de criação por amor⁵.

A partir da ideia de criação, Deus é percebido como aquele que é *qualitativamente diferente* da criatura e com ela está *radicalmente unido*. Na experiência bíblica que alcança seu ponto culminante em Jesus, revela-se qual é essa verdadeira diferença divina que fundamenta a unidade: *amor sem medida e perdão incondicional*.

2 DEUS CRIADOR

2.1 Diferença qualitativa e unidade radical

Para Queiruga, a ideia de criação em sua radicalidade possibilita repensar para hoje as relações de Deus com o mundo. Ao acentuar, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença entre Deus e o mundo, por um lado, impede a divinização de qualquer instância terrena e, por outro, desmascara a imagem de Deus distante ou separado do mundo. A ideia de criação por amor abre-nos, no contexto da nova cultura, a uma vivência religiosa de um Deus vivo, que inteiramente se interessa pelo ser humano e pelo mundo em todas as suas dimensões.⁶

2.1.1 A partir da filosofia

A ideia de criação nasce da experiência do caráter contingente do mundo: o ser humano se dá conta de que, como ele existe quase que por um acaso, poderia não existir; também percebe que não se tem nas mãos de modo total e não pode assegurar plenamente sua vida. Isso o faz intuir que a fonte do ser não está em si, mas em Outro, do qual não recebe apenas esta ou aquela qualidade de ser, mas o próprio ser. Não podendo ser a partir de si mesmo, sente que só pode existir a partir de um Outro que o faz ser, ou seja, a partir de seu criador. O ato criador não ocorre só no início, como acontece em nossa experiência de fazer

⁴ QUEIRUGA, A. T. *Creer de otra manera*. Santander: Sal Terrae, 1999a. p. 22

⁵ Ibidem.

⁶ QUEIRUGA, A. T. La idea de creación. Radicación filosófica y fecundidad teológica. *Iglesia Viva*, n. 83, p. 211-234, 1996.

um objeto qualquer, que, na verdade, não é experiência de criação, mas de transformação de alguma coisa em outra; criação diz respeito à palavra de Deus, que faz surgir o ser do nada, que nos coloca continuamente na existência, de modo que não há separação entre o criador e a criatura.⁷

Essa ideia de criação levou tanto a filosofia quanto a teologia a intuírem algo sobre Deus como criador: sua *diferença* em relação a tudo e, ao mesmo tempo, o caráter único e insuperável de sua *unidade* com todo o ser criado.⁸ A experiência do contingente levou o ser humano a perceber que há um “totalmente outro” que lhe dá origem e o sustenta. “Deus é descoberto justamente enquanto sendo como não é o mundo: o necessário frente ao contingente, o absoluto frente ao relativo, o infinito frente ao finito.”⁹

A diferença não está em um modo de ser, mas no próprio ato de ser, por isso, quando se fala que Deus é, se diz que a criatura não é, e vice-versa. A teologia negativa, que se preocupa com a pureza do conhecimento, tende a afirmar que Deus não é o que a criatura é, já que só dispõe de categorias humanas, em si inadequadas para falar de Deus. Partindo mais da experiência religiosa, tende-se a afirmar o contrário: só Deus “É” e a criatura “não é”. Encontramos muitas metáforas que expressam essa intuição de que Deus “É”, e tudo o mais “não é”: para os Salmos, as realidades mundanas são “pó que voa”, “ vaidade sem peso” ou “erva que murcha”; para a mentalidade hindu, são “maya” ou “samsara”, ilusão sem fundo, “realidade sem peso”.

O mal consiste em converter a diferença em distância e a distinção em dualismo, ou a justaposição de Deus em relação às criaturas. Mesmo que pareça paradoxal, é exatamente essa *diferença infinita* que possibilita uma *unidade radical*. Trata-se de uma unidade de caráter único, que só acontece entre criador e criatura. Em Deus não há possibilidade de competição, como acontece entre as realidades criadas. Ele não está no mesmo nível das criaturas, pois é o que “faz ser”, de modo que, “quanto mais presente o criador, tanto mais faz ser a criatura; quanto mais esta ‘se recebe’ dele, tanto mais se realiza nela a força criadora”.¹⁰

Na experiência religiosa, Deus aparece como fundamento da existência, do ser (Paul Tillich).¹¹ Nos Salmos, por exemplo, encontramos muitas metáforas que expressam essa realidade: Deus experimentado como “rocha e fundamento”, como “castelo e fortaleza”,

⁷ QUEIRUGA, A. T. *Recuperar a criação*. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano. São Paulo: Paulus, 1999b. p. 40-43.

⁸ QUEIRUGA, A. T. El problema de Dios en la modernidad. *Estella: Verbo Divino*, p. 321-324, 1998b.

⁹ Idem, 1999b, p. 43.

¹⁰ Ibidem, 43-45; QUEIRUGA, 1998b, 282-285.

¹¹ QUEIRUGA, A.T. *El Dios de Jesús. Aproximación en cuatro metáforas*. Bilbao: Sal Terra, 1991a. p.13-16.

como “refúgio e descanso”; já em Atos 17,28-29, encontramos uma belíssima passagem tomada do estoicismo: “é nele que nós temos a vida, o movimento e o ser”.¹²

2.1.2 A partir da experiência bíblica

A diferença e a unidade entre o criador e a criatura são apresentadas por Queiruga não só a partir da reflexão filosófica, mas sobretudo a partir da revelação bíblica, na qual aparece pouco a pouco a autêntica direção da diferença divina, que possibilita uma proximidade incondicional do criador com a criatura. A presença de Deus em si é límpida e pura, mas a nossa tomada de consciência passa por categorias humanas, sempre limitadas.

A experiência religiosa bíblica testemunha um longo e árduo caminho de busca do verdadeiro rosto de Deus. Nesse caminho aparecem muitas imagens, até mesmo com traços horríveis, de um Deus mágico, caprichoso e *demoníaco*,¹³ que envia males, provoca os mais diversos tipos de sofrimento, chegando até a exterminar pessoas inocentes e nações inteiras, ou seja, um Deus experimentado como *tremendum*.¹⁴ Essas imagens, vistas no seu contexto de origem, não nos devem escandalizar, mas ser consideradas como etapas de um caminho, pois a revelação não caiu pronta do céu, ao contrário, é fruto de um processo *humaníssimo*. O inaceitável é sacralizar imagens, como, por exemplo, “ira de Deus”, “vingança de Deus”, “Senhor dos Exércitos”, que, no contexto global, são importantes exatamente como etapas de um caminho, caso contrário, contradizem a própria revelação.

O fato de a religião bíblica ter se orientado não aos aspectos naturalistas, mágicos e animistas do sagrado, mas ao caráter *ético e pessoal*¹⁵ favoreceu a descoberta de um Deus que se preocupa com o bem dos seres humanos. Na experiência fundante do Êxodo, temos um Deus que salva e liberta, interpelando os homens e as mulheres à prática do bem em relação aos semelhantes.

A consciência do Deus *ético e salvador da Aliança* foi sempre corrigindo os traços mágicos e a imagem de um Deus terrível. Nesse sentido, os profetas prestam um grande serviço para manter viva a experiência da Aliança.¹⁶ Assim, embora o aspecto terrível não

¹² QUEIRUGA, 1999b, p. 45-46.

¹³ Ibidem, p. 57-65.

¹⁴ Queiruga critica a famosa definição fenomenológica do sagrado como *tremendum* e *fascinans*, afirmando que o sagrado como *tremendum* “é nossa projeção de Deus”, não sua realidade”, pois, descoberto na sua intenção genuína como Deus vivo e verdadeiro, é unicamente *fascinans*. A conhecida definição que vem de Sto. Agostinho e foi popularizada por R. Otto “resulta, no fundo, a-histórica: não hierarquiza as manifestações e, deste modo, perde a essência autêntica”. (QUEIRUGA, 1999b, p. 65-68).

¹⁵ Ibidem, p. 58-65.

¹⁶ Sobre a contribuição dos Profetas na ênfase da dimensão ética do amor de Deus, cf. QUEIRUGA, 1999b, p. 66-67.

tenha desaparecido totalmente, é progressivamente substituído por um Deus que protege, ajuda e salva. Amós sublinha a justiça protetora para com os fracos e oprimidos; Oséias destaca o amor; Isaías proclama a santidade; Jeremias e Ezequiel assinalam a preocupação com cada indivíduo; o Dêutero-Isaías descobre-o sustentando o justo em seu sofrimento; os Salmos estão permeados dessas ideias que alimentavam a vida espiritual.

Mais que os detalhes, interessa a direção do processo global da revelação: a imagem que fascina supera a que faz tremer. Oséias é insuperável em sua intuição: não só proclama o perdão incondicional, como também descobre o fundamento desse amor que é incapaz de castigar: porque “é Deus e não um homem”, porque é o “santo”, por isso perdoa.¹⁷ “Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim, entregar-te, ó Israel? ... Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se. Não executarei o ardor de minha ira, não tornarei a destruir Efraim, porque sou santo no meio de ti, não retornarei com furor.” (Os 11,8-9). Aqui está, segundo Queiruga, a autêntica direção da diferença divina.

Nosso inconsciente tenderia a vê-la do lado do poder e do temor: porque é Deus revela-se tremenda a ofensa; logo devia castigar. Porque é Santo, permanece separado e intocável; logo devia surgir como *tremendum*. Mas assim pensamos nós, justamente porque somos humanos. A lógica de Deus é outra: sua grandeza manifesta-se no amor e no perdão; a santidade na proximidade salvadora.¹⁸

Nos Evangelhos, culmina de modo insuperável a experiência do Deus fascinante já presente no Antigo Testamento. Jesus rompeu inclusive com o resto de *tremendum* presente no anúncio profético do “Dia de Iahweh”, que teve, com João Batista, seu último representante. Na pregação de Jesus, desaparecem as ameaças escatológicas e é anunciado o Reino como salvação para todos: para os pecadores e marginalizados, os pobres, os doentes e os excluídos.¹⁹ O motivo desse anúncio é a bondade de Deus, que a ninguém exclui, nem os maus. (Mt 5,45). Por isso, perdoa sempre e sem condições (Lc 15,22-24). Diante desse Deus, Jesus nos faz entender que só cabe a atitude de confiança sem reservas (Mt 10,30; Lc 12,7), como Ele próprio a viveu na sua relação filial com Deus experimentado como *Abbá*.²⁰

Na experiência bíblica, portanto, a diferença divina manifesta-se num amor infinitamente gratuito que perdoa sem condições. Nossa tendência é considerar que Deus cria para ser servido, tem poder para castigar e para nos afastar dEle, mas a revelação que culmina

¹⁷ Sobre essa profecia de Oséias, Queiruga remete ao estudo de G. Von Rad, que a considera “sem paralelo em toda a profecia”. cf. QUEIRUGA, 1999b, p. 66-67, nota 54.

¹⁸ Ibidem, p. 67.

¹⁹ Ibidem, p. 69; QUEIRUGA, A.T. El Dios de Jesús en el nuevo contexto de las religiones. *Iglesia Viva*, n. 180, p.557-575, 1995

²⁰ Ibidem.

em Jesus nos mostra o contrário: Deus nos cria por amor, está ao nosso lado como servidor e é incapaz de castigar, sendo seu perdão absolutamente sem condições.

3 CRIADOR GRATUITO

Queiruga mostra como a imagem do Deus bíblico, que cria por amor, tem ficado obscurecida pelo influxo de pressupostos que indicam o contrário e que tornam ambígua nossa experiência desse amor. Remover esses pressupostos é uma tarefa interminável, como testemunha a própria história bíblica, possível somente porque Deus mesmo, incansavelmente, abre caminho para sua verdadeira relação conosco. A conhecida frase de Santo Irineu, “A glória de Deus é o homem vivo”, aponta o verdadeiro sentido de sua presença na vida humana. Seu interesse é infinitamente transitivo, pois, como plenitude do ser e gozo infinito da comunhão, está infinitamente livre de todo o egoísmo. Não *criou homens e mulheres para servi-lo*, mas para que vivam e sejam felizes. Jesus nos mostrou que não somos nós que servimos a Deus, ao contrário, é ele quem se coloca a nosso serviço: “Não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45 e pr.).²¹

Em Jesus temos a máxima expressão de uma experiência de Deus *criador gratuito*. Nos Evangelhos, Deus é o “Pai, Senhor do céu e da terra” (Mt 11,25), preocupado não com “sua glória”, mas unicamente voltado para suas criaturas. Ele é quem faz sair o sol e cair a chuva em benefício de todos (Mt 5,45). Ele veste as flores (Mt 6,28; Lc12,27) e cuida dos pássaros (Mt 10,29), com uma generosidade e esplendor que não são outra coisa que um mero símbolo do “muito mais” que está voltado sobre os homens e as mulheres.²²

3.1 “A glória de Deus é o ser humano vivo”

A partir da intuição de que Deus quer a vida do ser humano, todas as dimensões de uma autêntica realização do homem e da mulher são igualmente queridas e promovidas por Ele: as dimensões corporal, espiritual, cultural, social, política, religiosa...²³ E todas são legitimadas na base de um único critério: o bem do ser humano, inclusive a dimensão religiosa. Isso permite superar uma imagem de Deus que só se interessa pelo aspecto especificamente religioso, diretamente ligado ao que nós identificamos como *sagrado*, separado e até oposto ao que é considerado *profano*.²⁴ Possibilita também superar as

²¹ Ibidem, p. 77-123.

²² Idem, 1995, p. 663.

²³ Idem, 1999b, p. 78-83.

²⁴ Ibidem, p. 31.

consequências dessa imagem: uma concepção dualista de salvação e uma espiritualidade reduzida a um espiritualismo desligado da corporeidade, da afetividade, bem como alheio à dimensão político-social. Tal reducionismo acabou, segundo Queiruga, induzindo à ideia de um Deus centrado em si, que quer o homem para o seu serviço, visão, aliás, muito presente na história das religiões, sendo claramente explicitada no poema babilônico da criação.²⁵

Nos tempos modernos, essa imagem de um Deus que só se interessa pelo religioso e que quer o ser humano para estar a seu serviço colaborou para uma concepção equivocada de *Deus como rival do ser humano*,²⁶ contribuindo para o afastamento de muitos da fé cristã e para o surgimento do ateísmo. Trata-se de uma deturpação do Deus que Jesus nos mostra: Deus que cria por amor e se faz presente, única e exclusivamente, para promover a vida em todas as suas dimensões e para salvar a criatura de tudo o que a oprime. E sua presença na vida pessoal e na história dos povos, portanto, de modo algum, é para anular o ser humano ou para dificultar ainda mais sua existência,²⁷ mas unicamente para o ajudar e o salvar.

Trata-se de uma salvação radicalmente vinculada ao sentido da criação. Por causa do influxo dualista que levou a entender salvação como desprezo ou negação da criação, o autor fala de passar *da insistência na salvação à centralidade da criação*.²⁸ Isso favoreceria uma mudança no imaginário religioso que tende a perceber Deus voltado para coisas identificadas por nós como “sagradas” e desinteressado pela vida na sua totalidade. A imagem de Deus como criador rompe pela raiz o dualismo e propicia uma vivência cristã que integra as múltiplas dimensões da vida pessoal e social, num processo de autêntica humanização.

Toda a vida de Jesus confirma o valor positivo da criação. Sua atitude manifestada em palavras e em gestos é uma constante afirmação de cada homem e mulher e de toda a realidade criada.

As curas são reafirmação da criação, como também o é a reafirmação do amor igualitário no matrimônio: “no princípio não foi assim” (Mt 19,8). O amor às crianças e o não impedir sua espontaneidade (“não as impeçais”: Lc 18,16 par). São também um sinal dessa afirmação da vida, que lhe impediu sucumbir à tentação do ascetismo negador, em contraste com o Batista, seu último mestre: os discípulos destes, notando o contraste, o acusam de “comilão e beberrão. (Mt 2,16 par).²⁹

²⁵ Idem, 1991a, p. 16.

²⁶ Sobre a imagem de Deus como rival do homem, cf. QUEIRUGA, A.T. *Creio em Deus Pai*, O Deus de Jesus como afirmação plena do humano. São Paulo: Paulinas, 1993a. p. 11-45.

²⁷ QUEIRUGA, A. T. *Recuperar a salvação*. Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999c. 27-46

²⁸ Idem, 1998a, p. 24-30.

²⁹ QUEIRUGA, 1995, p. 564.

Essa visão absolutamente afirmativa de Jesus diante da vida levou os primeiros cristãos a proclamarem que ele é o centro e o fundamento da criação (Col 1,16; Jo 1,3). Mediante a *encarnação*, a criatura é afirmada até a plenitude de Deus mesmo. A ideia cristã de *salvação* aponta para esse mesmo sentido: “um Deus da vida, que “se chama à existência ao que não é” (Rm 4,17), não é para se deixar cair no nada da morte, o “último inimigo”, senão para afirmá-lo naquela plenitude gloriosa e sem fissura onde ele “será tudo em todos” (1Cor 15,28).³⁰

3.2 “*Creatio continua*”

A ideia de criação contínua, tão bem desenvolvida pela teologia medieval, é retomada por Queiruga a partir da nova visão de autonomia do mundo. A mudança de paradigma, de um lado, provocou um obscurecimento de Deus e até mesmo fez sentir a vertigem da sua ausência total; de outro, possibilitou a percepção de uma nova presença, não restrita a uma só dimensão, pessoa, tempo e lugar. A pergunta decisiva para aquele/aquela que crê nunca foi “Existe Deus?”, mas “Onde está Deus”. Uma pergunta que aparece em todos os tempos e que hoje, na crise moderna, torna-se aguda.

Não se trata de perguntar por uma presença no sentido de uma “onipresença” abstrata e neutra, evocada pela expressão “Deus está em todo lugar”, mas de se dirigir a um outro sentido: o de uma presença concreta qualificada e ativa, que não remete à mera contiguidade espacial, mas à atenção, ao acompanhamento, ao apoio e à acolhida. A pergunta brota de situações reais: na hora da desgraça, do fracasso, em nosso mundo afetado por enormes sofrimentos. Onde está Deus? Como se situa em nossa vida, em nossa história?³¹

A partir da intuição de que Deus cria por amor e se faz presente como salvador, não é difícil perceber em que consiste essa presença.

Ele “está” no dinamismo que impulsiona o real à realização, na força salvadora que incita, potencia e solicita nossa vida rumo à plenitude. Cada vez que se realiza esse dinamismo e se acolhe essa solicitação na liberdade, exerce-se e realiza-se a presença de Deus. Ele está no fazer-se da realidade, porque esse fazer-se é idêntico ao expandir-se e tornar-se real de seu dinamismo criador. Tomar consciência dessa realização equivale a vivenciar sua presença. E se tudo “funcionasse” assim, se tudo se deixasse construir por ele, seria o seu verdadeiro estar presente. Na realidade, tratar-se-ia exatamente daquilo que a experiência bíblica intuiu como o verdadeiro ideal: *o reino de Deus na terra*, ou seja, a realidade nova, sobretudo a social humana, deixando-se guiar e mover pela vontade ativa e salvadora de Deus. Não

³⁰ Ibidem, p. 564-565.

³¹ Idem, 1999b, p. 95-96.

outra coisa diz o Pai Nosso: “santificado seja teu Nome”, “venha teu Reinado”, “faça-se tua Vontade”.³²

Nosso autor sublinha que Deus está onde a criação encontra seu caminho, superando obstáculos e resistências e alcançando sua plena expressão. Por isso, em nosso mundo, onde tantos vivem em situação de extrema penúria e exclusão, Deus se coloca sempre ao lado deles, contra tudo o que os oprime. Está em cada pessoa que sofre, apoiando-a, compadecendo-se dela, dando-lhe coragem; está no ambiente, promovendo a solidariedade nas pessoas, impulsionando os movimentos de resistência e de luta contra todas as formas de opressão, bem como a busca possível de projetos sociais alternativos.

Com sua salvação definitiva, está envolvendo tudo, atuando já agora e realizando nossa salvação, apesar de todos os fracassos da história. O amor de Deus, portanto, é um amor ativo que tudo inunda e tudo deseja transformar para o bem, por isso o lugar mais seguro para perceber a presença de Deus é onde acontece algum tipo de amor: o afetivo, erótico e sexual entre homem e mulher, cuja força simbólica evoca o amor de Deus e sua presença, que traz felicidade na vida humana; o amor que se expressa no serviço, no compromisso com o crescimento do outro; o amor que se faz solidário na vida dos que sofrem; o amor que se expressa na práxis que busca caminhos mais justos na história. Essa presença ativa e amorosa atua, portanto, permanentemente, não intervindo de fora, mas sustentando e promovendo o universo no *élan* imenso, mas inconsciente do dinamismo evolutivo e no impulso da liberdade e da consciência³³.

A ideia de criação por amor, entendida no horizonte da cultural atual, permite-nos compreender

que não é preciso romper a legalidade criatural nem deixá-la fechada em si mesma sob o olhar de um “Deus” distante e desinteressado. O criador não tem por que vir ao mundo, porque já está sempre em sua raiz mais profunda e originária, nem tem que recorrer a intervenções pontuais, porque sua ação é a que está sustentado e dinamizando tudo.³⁴

Sustenta e dinamiza nossa liberdade e, *no respeito infinito e incansável do amor, chama-nos à nossa realização mais plena*. Jamais nos força, mas está infinitamente interessado em nosso destino, por isso, é uma presença ativa que nos apoia e nos acompanha.

³² Ibidem, p. 96.

³³ Ibidem, p. 99-112.

³⁴ Idem, 1999a, p. 6.

Queiruga considera muito preciosa a imagem de *o grande companheiro*³⁵ para indicar a presença amorosa de Deus. Olhando para Jesus, é possível perceber em que consiste essa presença em nossa vida: ativa, amorosa e compassiva, isto é, uma presença de Pai-Mãe inteiramente debruçada sobre cada homem e mulher para que alcancem a vida plena.

4 CRIADOR QUE É PAI/MÃE

Para Queiruga, a paternidade/maternidade é símbolo supremo da relação de Deus com o ser humano.³⁶ Na ideia de criação em si pode-se até conceber um Deus frio e distante, como o fazedor deísta, ou como o arquiteto maçônico. Mas, na imagem de um criador que se manifesta como Pai/Mãe, não há lugar para a distância e a indiferença.³⁷ No melhor da tradição bíblica que culmina em Jesus, de modo algum Deus aparece ausente e impassível, ou como um ente capaz de prejudicar ou castigar os seres humanos. Ao contrário, manifesta-se como aquele que é incapaz de castigar; como Pai/Mãe de *ternura infinita e perdão incondicional*, empenhado exclusivamente na realização dos filhos e das filhas. Faz surgir a vida e se relaciona com a criatura não de modo impessoal, como um absoluto monista, mas como Pai/Mãe, nos dando a existência e nos sustentando, porque nos cria para a plenitude e, com todo o amor, quer estar conosco.³⁸

Na cultura moderna, a paternidade de Deus não é associada ao amor afirmativo, mas a uma radical e irredutível rivalidade. A partir do Iluminismo, Deus foi percebido cada vez mais como o grande obstáculo que impedia o crescimento humano, como a lei implacável que anulava nossa autonomia. As acusações agudas, como as de Marx, Freud, Nietzsche, Sartre, por um lado, favoreceram uma revisão da imagem cristã de Deus muitas vezes contaminada por nossas experiências patológicas, mas, por outro, não possuem fundamento no Deus de Jesus.³⁹ No nazareno, manifesta-se o que Deus quer ser para nós: Pai/Mãe de amor infinito e de amor incondicional; amor que de verdade afirma o ser humano e possibilita o desenvolvimento de sua autêntica autonomia. Em Jesus, culmina, de modo insuperável, a experiência já presente no Antigo Testamento.

4.1 Deus Pai/Mãe no antigo testamento

³⁵ QUEIRUGA, 1999b, p.113-115.

³⁶ Sobre a linguagem dos símbolos e das metáforas, cf. QUEIRUGA, 1993a, p. 81-83; QUEIRUGA, 1991a.

³⁷ QUEIRUGA,1995, p. 565.

³⁸ Idem, 1991a, p. 32.

³⁹ Idem, 1993a, p.76-81.

Deus é invocado como Pai desde os inícios da religião e, no contexto bíblico do Antigo Oriente, desde o segundo ou terceiro milênio antes de Cristo. O Antigo Testamento mantém uma reserva para com a figura de Deus como Pai e ainda mais como Mãe, devido ao medo de contaminar Iahweh com os cultos da fecundidade. A paternidade vem sempre ligada ao ato histórico da saída do Egito, para mostrar que se trata de uma eleição, não de uma geração. Mas apesar dessa reserva, a experiência de um Deus que amorosamente cuida do ser humano não podia deixar de expressar-se como experiência de um Deus que é Pai e Mãe. Nos Salmos e, principalmente, nos Profetas, encontramos diversas expressões cheias de ternura e de compaixão que revelam o cuidado materno-paternal de um Deus que é incapaz de castigar ou de abandonar o ser humano (Os 11,3.8-9; Is 49,14-15).

Esses textos, para o mesmo autor, não são casos isolados ou secundários da tradição bíblica, pois estão no *eixo mesmo do avanço revelador* que alcança seu ponto culminante no Deus de Jesus, descoberto como *Abbá* de ternura infinita e de perdão incondicional.⁴⁰

4.2 O “*Abbá*” de Jesus

A paternidade de Deus, sua paterno-maternidade, culmina, de modo surpreendente, na experiência de Jesus. Deus, definido pelo *perdão incondicional* e *amor sem medida*, instaura na consciência humana o “regime do dom” (Ricoeur): não se trata de conquistá-lo, senão de acolhê-lo; não de temê-lo, senão de deixar-se salvar por ele.”⁴¹

4.2.1 Amor sem medida

Toda a vida de Jesus é expressão de sua abertura sem reservas ao amor sem limites do Pai, sendo sua personalidade radicalmente construída a partir desta experiência fundante. Nele transparecia uma confiança ilimitada que contagiava os demais: “não vos angustieis” (Mt 6-25-35); “não tenhais medo” (Mt 10,23-33), para Deus “vós valeis mais” que todas as criaturas (Mt 6,26.30;10,31). Deus fica definitivamente revelado como Pai/Mãe: fonte de confiança e ternura que sustenta o mistério de Jesus e que se abre a todo homem e a toda mulher.

Para expressar essa radical novidade de sua relação com Deus, Jesus emprega a palavra *Abbá*,⁴² que em seus lábios adquire um sentido único. Sua experiência de Deus é comparada à experiência da ternura de um “Papai” voltado para a confiança infinita da

⁴⁰ QUEIRUGA, 1999b, p. 68-72.

⁴¹ QUEIRUGA, A.T. La oportación del cristianismo a la construcción de un mundo nuevo. *Sal Terrae*, n.89, p. 485-501, 1991. p. 489.

⁴² QUEIRUGA, 1999b, p. 70; Idem, 1993, p. 96-97; QUEIRUGA, A.T. *Repensar a Cristologia*. São Paulo: Paulinas, 1999d. p. 344.

criança. Não uma “ternura freudianamente infantilizante”, ao contrário, a confiança filial de Jesus traduzia-se numa liberdade estupenda, capaz de desafiar as autoridades políticas e religiosas e ir até as últimas consequências de sua opção, até dar a própria vida.⁴³ A vivência de Jesus constitui o anúncio de uma radical novidade,

[...] o anúncio de um tempo novo: do homem filial, porque tem a segurança de que Deus, em sua profundidade mais abissal e em sua interioridade mais entranhável, é um Deus paternal. Jesus estava consciente da novidade e de suas consequências, como o mostra maravilhosamente e misteriosamente o “hino de júbilo”. Tudo nele proclama que se trata de uma “revelação”. Revelação de que a vida, apesar de sua dureza e de suas contradições, pode ser alegria e ação de graças. (Mt 11,25-27).⁴⁴

Esse anúncio se explicita também nas palavras de Jesus: ele fala a todos, de mil modos e maneiras, do amor e da ternura do Pai. Fala, principalmente, por um conjunto de metáforas e parábolas que lhe são muito peculiares, comunicando aos outros o amor infinito de Deus, através do contraste:

Se Deus veste a erva do campo, “não fará ele muito mais por vós, gente de pouca fé?” (Mt 6,30); e se cuida dos pássaros, “vós valeis mais que todos os pássaros” (Mt 10,31). Com mais força, todavia: se um pai não dá ao filho uma pedra ou uma cobra, “quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhas pedem!” (Mt 7,11); se o juiz iníquo acaba fazendo justiça, “não fará Deus justiça a seus eleitos?” (Lc 18,7).⁴⁵

Nessa perspectiva, a parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20, 1-16) atinge um ponto máximo ao mostrar uma gratuidade tão incrível, que chega a irritar o ser humano acostumado com o regime de troca. Jesus cria uma situação que rompe o sentido comum para, de algum modo, nos revelar a radical novidade do amor gratuito de Deus. Sua bondade desafia todos os nossos esquemas: “teu olho é mau porque eu sou bom?”⁴⁶

A reflexão teológica do Novo Testamento⁴⁷ chega à definição insuperável de que “Deus é amor” (1Jo 4,18), numa tradução mais fiel: “Deus consiste em amar”. Em consequência, o núcleo mesmo da experiência cristã está na *confiança filial, não no temor*. São João afirma que “no amor não há temor” (1Jo 4,18). São Paulo proclama que, mesmo enfrentando as mais duras contradições, podemos estar certos de que, no amor que Deus tem por nós, nossa existência está segura (Rm 8,38-39).

4.2.2 Perdão incondicional

⁴³ Idem, 1991a, p. 43; Idem, 1993, p. 102-110.

⁴⁴ Idem, 1993a, p. 96-97.

⁴⁵ Idem, 1995, p. 565. O autor remete ao estudo de J. Jeremias sobre as “parábolas de contraste”.

⁴⁶ Ibidem, p. 565-566.

⁴⁷ Sobre a experiência cristã de Deus como Pai na reflexão teológica do NT, cf. QUEIRUGA, 1993, p. 98-108.

Queiruga sublinha um segundo aspecto desse amor tão gratuito: o *perdão incondicional*. Nesse sentido, Jesus supera totalmente o medo e o temor de um Deus que castiga, tão difundido na história das religiões e no próprio cristianismo. Elimina o que ainda resta de anúncio do juízo divino na pregação profética sobre o “Dia do Senhor”, presente até João Batista. “Jesus prega o Reino, todo orientado à “boa notícia” de amor e perdão para todos.⁴⁸

Diversas passagens dos Evangelhos mostram que Jesus, nas suas atitudes e palavras, proclamou que o perdão de Deus é totalmente gratuito, sem condição prévia. As cenas da adúltera e da pecadora, que chegam a escandalizar seus contemporâneos, evidenciam a radical mudança introduzida por Jesus; não é o arrependimento ou a conversão que atraem o perdão. A ordem é inversa: é a acolhida do perdão sempre oferecido que possibilita a mudança de vida. Em resposta a Pedro, Jesus não deixa margem para nenhuma medida: “até setenta vezes sete” (Mt 11,22), que quer dizer algo sem limites. Mas é nas parábolas em que Jesus mostra a surpreendente e estupenda atitude divina para com aqueles que, na nossa mentalidade, deveriam ser condenados. A parábola do servo que não foi capaz de perdoar uma quantia insignificante de seu companheiro, enquanto se lhe havia perdoado uma fortuna, ilustra a grandeza do perdão divino.⁴⁹ Já a parábola do “filho pródigo” (Lc 15,11-32)

[...] deixa ver a maravilha de um perdão que nem sequer perdoa propriamente, porque - contra o que acreditava o filho pequeno: “trata-me como a um de teus empregados - nunca havia assumido o papel de juiz: só pensava na dor e na morte de “este filho meu”. Nem sequer o irmão podia compreendê-lo,[...]”⁵⁰

A reflexão teológica do Novo Testamento também explicita a novidade desse perdão sem condições, totalmente gratuito. São Paulo afirma que “Deus nos amou quando ainda éramos pecadores” (Rm 5,8), e São João vai mais longe, chegando à raiz última do medo possível: “mesmo quando nosso coração nos condene, Deus é maior que nosso coração, e conhece tudo” (1 Jo 3,20).⁵¹

O perdão incondicional abre-nos a uma vivência religiosa enraizada na *confiança*, indispensável para uma vida realmente humana,⁵² capacitada para o amor. A confiança filial supera a religião do medo e da lei; o Deus de Jesus não é experimentado como o *Tremendum*, que provoca

⁴⁸ QUEIRUGA, 1995, p. 566-567.

⁴⁹ Ibidem, p. 567-568.

⁵⁰ Ibidem, p. 568.

⁵¹ Ibidem, p. 568.

⁵² Queiruga faz alusão aos estudos de E. Ericson, que fala de uma “confiança básica” (*basic trust*) como alicerce para uma vida autenticamente humana. Cf. QUEIRUGA, 1999b, p. 69.

medo e pavor no ser humano, pois, em seu amor ilimitado e em seu perdão sem medida, só espera nossa confiança e acolhida, só espera que aceitemos que Ele nos ame e nos salve.⁵³

A autêntica vivência cristã desse Deus que é incapaz de castigar, porque só pensa em nosso bem,²²¹” não resulta em descompromisso. De nossa parte, sempre há o risco de abusar do amor, seja nas relações com os outros, seja naquela que mantemos com Deus.⁵⁴ Nada há mais vulnerável que o amor e dele sempre se pode abusar, mas também não há força maior capaz de nos transformar.⁵⁵

Olhando para Jesus, a experiência do amor de Deus de modo algum nos leva ao descompromisso ou a uma espiritualidade intimista, ao contrário, se, de verdade, nos abrimos ao seu amor e ao seu perdão, nossa vida se transforma e se estende aos outros. “O amor é por essência comunitário, não existe mais que na abertura aos demais”.⁵⁶ Se entrarmos na dinâmica de Deus, que, como Pai/Mãe de todos, preocupa-se antes de tudo com os que são humilhados, então seremos realmente irmãos, irmãs, comprometidos com a igualdade efetiva.⁵⁷ Deus, em seu amor para com todos, está mais empenhado que nós mesmos na realização dessa igualdade, por isso interpela nossa responsabilidade, para que lutemos contra toda exploração, discriminação e exclusão.

5 CONCLUSÃO

Em Jesus Cristo, a plena revelação de Deus que cria por amor permite-nos compreender sua verdadeira presença no hoje da história, como fundamento e horizonte de tudo o que existe e como presença amorosa que nos acompanha e nos salva. Não está alheio aos acontecimentos da história, mas intimamente implicado em nosso destino, mais interessado que nós mesmos em nossa realização, atuando sem descanso para nos ajudar e salvar. Solidário, sofre conosco todas as nossas derrotas e o faz entregando-se até o extremo da morte de seu Filho. Não intervém pontualmente, porque já está plenamente presente e ativo, mantendo o dinamismo da natureza e potenciando nossa liberdade. Incansavelmente, solicita nossa colaboração em sua obra criadora e salvadora. Na atual situação de intolerável

⁵³ Idem, 1993a, p. 101-102.

⁵⁴ Idem, 1991a., p.36.

⁵⁵ QUEIRUGA, A.T. Amar: fundamento y principio; vulnerabilidad y solidez. *Sal Terrae*, 81/4, p. 281-292, 1993b.

⁵⁶ Idem, 1991a, p. 36.

⁵⁷ Ibidem, p. 38.

injustiça social, que exclui milhões de homens e mulheres, solicita-nos, insistentemente e de mil modos e maneiras, à prática da solidariedade na busca de uma igualdade efetiva.

Dar-se conta dessa nova presença sempre *ativa e amorosa*, que *funda, liberta e plenifica* a vida, significa assumir a experiência humana como a experiência de *viver a partir de Deus e com Deus*. Significa assumir a fé não como vivência paralela à vida real, porque a vida, em todas as suas dimensões pessoais e sociais, se enraíza na fé em Deus, que cria por amor e se faz inteiramente presente para nos ajudar e salvar.